

## Uma possível abordagem da literatura de Johann Wolfgang Von Goethe na filosofia de Friedrich Nietzsche

João Bosco de Camargo Millen\*

**Resumo:** Esta pesquisa surgiu da análise do aforismo escrito por Friedrich Nietzsche em *Ecce Homo*, em que o filósofo se perguntava e, principalmente, sustentava o título “Por que escrevo tão bons livros”. Nessa obra, percebemos uma relação de uma metodologia direta e incisiva, o que engendrou a postulação da hipótese de intertextualidade e de alguns aspectos possivelmente em cruzamento entre a filosofia de Nietzsche e a literatura de Goethe. Para a averiguação dessa hipótese, pesquisamos as obras de Nietzsche e constatamos a existência do nome e de menções elogiosas a Goethe nas referências bibliográficas de todos os livros do filósofo avaliados por nós neste trabalho. Nos escritos de Nietzsche, a presença de um literato de loquacidade de naturezas pérfidas, isto é, de loquacidade por prazer com palavras e formas de linguagem boas (NIETZSCHE, 2007), pode ter tangenciado o filósofo nas construções narrativas e descritivas, assim como na sua estilística. Tendo isso em vista, objetivamos averiguar: (i) se o conhecimento aprofundado que Nietzsche nutria sobre a literatura goethiana pode ter influenciado, de alguma forma, a natureza da composição literária de suas obras filosóficas; e (ii) se esse conhecimento favoreceu o filósofo nas modalidades estilísticas de transposição de seu pensamento; (iii) em que medida ocorreram esses vetores de aproximação; (iv) quais consequências essa intertextualidade pode trazer para as pesquisas e análises das obras de Nietzsche.

**Palavras-Chave:** Nietzsche; Goethe; filosofia; literatura; intertextualidade.

A possible approach of Johann Wolfgang Von Goethe's literature in the Friedrich Nietzsche's philosophy

**Abstract:** This research was first based on the analysis of Friedrich Nietzsche's aphorism in *Ecce Homo: How One Becomes What One Is*, in which he asked and, mainly, sustained the title “Why I write such good books”. In this book, we noted a philosophical methodology which was direct and incisive, and engendered our hypothesis of intertextuality and existence of some congruent aspects

between Nietzsche's philosophy and Goethe's literature. In order to investigate this hypothesis, we researched Nietzsche's works and found Goethe's name and eulogistic mentions to him in all Nietzsche's books which we analyzed in our research. In Nietzsche's writings, the presence of an author who has such perfidious loquacity, due to his pleasure with words and some language forms (NIETZSCHE, 2007), may have influenced Nietzsche's narrative and descriptive method, as well as his style. Therefore, we aim to investigate: (i) if Nietzsche's deep knowledge of Goethe's literature may have influenced, somehow, his philosophical works; (ii) if this knowledge favoured him in the transposition of his thought; (iii) how these vectors of approximation occurred; (iv) what consequences this intertextuality may bring for researches and studies of Nietzsche's philosophical works..

**Keywords:** Up-set; Civilization; Barbarian; Nature; Illustration.

O presente trabalho tem por finalidade apontar algumas possíveis aproximações e intertextualidades entre determinados escritos de Friedrich Nietzsche, presentes, em especial, nas obras *Ecce homo* e *A gaia ciência*, e a literatura de Johann Wolfgang Von Goethe, especificamente as obras *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* e *O conto da serpente verde e da linda Lillie*. Essa temática justifica-se em virtude da admiração estilística, por parte do filósofo, à literatura de Goethe. Essa afirmativa recolhe, sobretudo, determinados cruzamentos percebidos quando nos deparamos com fórmulas desenvolvidas e descritas em *Ecce Homo*, nos aforismos intitulados “Por que escrevo tão bons livros” e “Como alguém se torna o que é”.

Para além do cruzamento entre o pensamento desses auto-

res, obviamente por caminhos e épocas distintos, Nietzsche menciona Goethe em diversas obras e profere a ele menções elogiosas em todas essas citações filosóficas. Em “Gaia ciência”, aforismo 370 que trata do romantismo, por exemplo, Nietzsche preserva o literato ao dizer que Goethe afirma a vida pelo amor e não pela fraqueza, o que, a nosso ver, se trata de um elogio, uma vez que Nietzsche execra, em contrapartida, os processos de criação de Wagner e de Schopenhauer, que, segundo ele, se constituíam pela fraqueza da vida.

Em obras póstumas de Nietzsche, como, por exemplo, *Sabedoria para depois de amanhã*, o filósofo refere-se a Goethe da seguinte maneira:

Goethe protegendo e combatendo dentre de si seu século XVIII: o sentimentalismo, o entusiasmo perante a natureza, o anistórico, o idealista, o não prático e o irreal do revolucionário, como Espinosa (como o maior realista), ele serve-se da História, da ciência natural, da antiguidade, sobretudo da atividade prática com nada além de horizontes bastante fixos; ele não separa da vida, não é medroso e torna o possível a seu cargo, sobre em si, quer totalidade, combate a separação da razão, da sensibilidade, do sentimento da vontade, disciplina-se, forma-se (...), diz sim para todos os grandes realistas.<sup>1</sup>

Nesse sentido, o literato é definido por Nietzsche como uma tentativa grandiosa de superar o século XVIII. Em *Humano, demasiado humano*, Nietzsche utiliza um efeito cômico ao compor os três sobrenomes como uma paródia de “Oráculo da primavera”, poema de Goethe que termina com a imitação de um cuco: “Cou cou cou cou cou cou”.<sup>2</sup> Além disso, nessa mesma obra, o substantivo comum

“kohl”, que significa “couve” na linguagem denotativa, é utilizado, coloquialmente, no sentido de “bobagem” ou “conversa fiada” na linguagem conotativa. Por derradeiro, em *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche sustenta a alusão a uma passagem de Goethe: “Um homem bom, em seu exemplo obscuro tem consciência do caminho reto”.<sup>3</sup>

Todos esses detalhes permitem-nos estabelecer considerações investigativas acerca do seguinte:

(i) Em que medida o conhecimento “aprofundado” que Nietzsche nutria sobre a literatura goethiana pode ter marcado, de alguma forma, a natureza da composição literária de suas obras filosóficas?

(ii) Como esse conhecimento favoreceu o filósofo nas modalidades estilísticas de transposição de seu pensamento?

(iii) Em que medida esses vetores de aproximação e de intertextualidade ocorreram?

(iv) Quais consequências essas intertextualidades e essas aproximações podem trazer para as pesquisas e as análises das obras filosóficas de Nietzsche?

Na tentativa de responder a esses questionamentos, o presente trabalho logra, em um primeiro momento, trazer à tona citações e trechos de livros de Goethe, especificamente *Os anos de*

*aprendizado de Wilhelm Meister e O conto da serpente verde e da linda Lilie.*

A partir desses romances, discutimos as possíveis formas de existência humana, à luz dos parâmetros de liberdade e da literatura goethiana, assim como a temática sobre o combate, por diferentes meios, às instituições e aos valores burgueses. Essas questões são ressaltadas já que se trata de pensamentos e características em que Nietzsche e Goethe mais se parecem aproximar. Outrossim, nisso reside a composição do presente trabalho, tendo em vista justamente o possível cotejo entre os livros desses pensadores, que se prevaleceram das análises das atmosferas burguesas assombrosas como determinantes sociais para, então, constituírem suas respectivas obras.

Posteriormente, na tentativa de confirmar nossa hipótese, isto é, a possível congruência entre Nietzsche e Goethe, citamos e analisamos aforismos principalmente das obras *Ecce homo* e *A gaia ciência*, ambos de autoria do filósofo. Por fim, apresentamos os possíveis cruzamentos e a intertextualidade entre esses dois autores, por meio da análise de trechos e de exemplos que podem sugerir uma equivalência no pensamento dos aspectos significativos que foram escolhidos para nossa reflexão.

## **1 – Nietzsche e Goethe: para uma aproximação temática e estilística entre filosofia e literatura**

Johann Wolfgang Von Goethe (1749-1832) é considerado o

maior escritor alemão e caracterizou-se, fundamentalmente, por desenvolver uma estilística denominada “romance de formação”. Esse termo foi empregado, pela primeira vez, por Johann Karl Simon Morgenstern em uma conferência proferida em 1810, sob o título “Sobre o espírito e a relação de uma série de romances filosóficos”. Essa modalidade literária iniciou-se na Alemanha do século XVIII, a partir da análise de obras que realizavam inferências de romances de diferentes autores, inclusive de Goethe.

Os romances desse autor, possibilitam estabelecer, entre inúmeros aspectos, críticas e diferenciações diretas ou indiretas por vieses metafóricos, ou não, à instituição representada pelos valores burgueses e, conseqüentemente, a todas as instituições regimentadas pelos poderes semelhantes àqueles utilizados pela corte.

Goethe define a nobreza de acordo com parâmetros distintos e diferenciados dos aspectos acumulativos irracionais originários da burguesia. Consoante o literato, a grande e a principal diferença reside no fato de a burguesia apalpar-se nas questões de aquisição material, o que a torna uma instituição concretamente egoísta, dominadora e irracional, ao passo que a nobreza admite e persegue os valores intelectuais e culturais como aquisitivos para a formação e a constituição pessoal.

Com efeito, a busca de origens nobres permite ao homem almejar possibilidades de modelos sociais mais justos e racionais. Além disso, cabe à nobreza defender uma sociedade cujos parâmetros se ocupem da educação, a fim de se refletir sobre os absurdos

relativos aos excessos da tirania proveniente dos mais abastados. Nesse sentido, os nobres devem preocupar-se para que a divulgação de uma modalidade educativa seja amplamente difundida na intenção de que se constitua um modelo de interação social, visando à diminuição e à equidistância observadas entre a interlocução erudita e a popular.

Sendo assim, a fim de que todos os homens envolvidos nos processos de interlocução existentes possam se beneficiar das diversas formas de linguagem e de pensamento, bem como para que a filosofia e o pensar filosófico façam sentido, é necessário atribuir o real alcance dessas ferramentas educacionais a todas as pessoas. Por conseguinte, a arte entra como potente instrumento do discurso em razão de poder atingir o ápice de sua totalidade e alcance quando associada à ação concreta, direta, objetiva ou subjetiva de interferência nos processos de liberdade, de criação e de existência dos homens.

Dessa forma, por meio da arte associada ao desejo de expansão intelectual dos homens, bem como da viabilização dos processos construtivos de interação social, alcançar-se-iam melhores possibilidades de reflexão acerca das questões existenciais. Portanto, o apaziguamento das desigualdades e das mazelas resultaria em diversas possibilidades de se reconstituir o que fora deformado pelo capitalismo, visando à harmonia social.

Além disso, cabe ao homem nobre contribuir, de maneira

intelectual, com ações que venham beneficiar, em última instância, o Estado. Conseqüentemente, a avareza e a desigualdade devem ser combatidas conforme as perspectivas da nobreza, em virtude da nocividade e da segregação que acarretam. Ademais, os nobres não se constituem institucionalmente, na medida em que os verdadeiros ideais nobiliárquicos atacam as instituições constituídas e visam, sob esse viés, a contribuir com o processo de formação social. Tudo isso ocorre em detrimento do verbo “ter”, agente norteador acumulativo do pensamento da instituição burguesa.

A segmentação que o processo burguês produz refere-se não somente à inversão do pensamento construtivo, educativo e social, mas também a um ritmo social deturpado e, por conseguinte, ao estabelecimento de uma condição perversa no sentido estrito da palavra (por uma via contrária à normalidade). Isso decorre do fato de a burguesia ser geralmente identificada e caracterizada por caminhar à margem da ética e do bem-estar social.

É evidente que essas elucubrações a partir dos construtos literários de Goethe tangenciam questionamentos de natureza filosófica, impossibilitando, inclusive, a dicotomização, em início e fim, da contribuição que ambos os saberes – literatura/arte e filosofia/pensamento – produziram, a partir do século XIII, à sociedade vigente à época e que continuam a produzir, inovadoramente, na contemporaneidade.

Embora esses questionamentos altamente filosóficos tam-

bém tenham sido perseguidos por diversos filósofos, escolhemos, como objeto de estudo para este trabalho, o cotejo entre pensamentos presentes nas obras de Nietzsche e os romances de Goethe. Essa opção decorre, a princípio, do fato de o filósofo aproximar-se, especificamente, da temática tratada pelo literato. Isto é, ao longo de seu legado filosófico, Nietzsche atacou, veementemente, as instituições que propuseram modelos escravocratas ao homem e as instituições irracionais que apresentavam a racionalidade humana de forma imperativa e não linear, seja utilizando dispositivos aparentemente sedutores, seja sobrepondo a humanização com o intuito de administrá-la em sua liberdade. Nietzsche aceita e sustenta a condição de ser, de antemão, o demolidor de valores instituídos socialmente por essas instituições, pois, segundo ele, a crença é para os fracos.<sup>4</sup>

Além disso, as denúncias pela preservação da integridade da natureza humana foram realizadas por esses dois autores de forma muito veemente, uma vez que ambos apontaram especificidades do que lhes parecia humano e que somente poderia ser vivido pelo homem dentro de condições individuais.

Tendo isso em vista, podemos afirmar que as diferentes formas – filosófica e literária – unem-se para atacar fatores deletérios concernentes à interferência excessiva na vida do homem, os quais advêm da ação dessas instituições, sobretudo aquelas demasiadamente rigorosas e dominantes que desfavorecem a boa interação da individualidade do homem em suas relações interpessoais

com o mundo.

Imperioso ressaltar, outrossim, que as críticas proferidas por esses autores convergem no enfoque de uma espécie de súplica ou de chamada de atenção. Podemos afirmar, até mesmo, que também se referem à denúncia de estruturas alienantes, as quais visam à escravização intelectual do homem e à substituição de valores culturais e intelectuais, em troca de promessas e de produtos de ínfimos valores em comparação às potencialidades inerentes à natureza da liberdade e do pensamento humano. Conseqüentemente, o pensamento imbricado nessas críticas, em última instância, age como uma espécie de guia para uma não submissão do homem ao que quer que seja.

Em suma, as críticas são proferidas em prol da não dominação submissa, ou seja, o fervor do grito de ambos os autores refere-se à necessária devolução de todas as inescrupulosas ações dominadoras praticadas por organizações que coíbem o homem pela sedução, pela ordenação ou até mesmo pelo medo e pela culpa, em detrimento da perda da condição de “liberdade”.

Dessa forma, para que haja um melhor funcionamento do potencial individual no desempenho humano e para que exista a preservação dos valores sociais, é necessário que o humano seja devolvido ao homem, ainda que, para isso, seja necessário seu constante enfrentamento, embate próprio e natural, ou que o seu modelo de pensar seja preservado, assim como sua forma de ser e de estar no mundo.

Como podemos observar, a denúncia à submissão e a reflexão acerca da origem do mal na natureza humana são temas recorrentes nas retóricas filosófica de Nietzsche e literária de Goethe. Se assim podemos denominá-las, para ambos os autores, essas críticas dirigidas aos perigos inerentes às instituições burguesas visavam tão somente a uma forma de domínio perverso que desfavorecia o homem em seu desenvolvimento pleno. Por conseguinte, apoderar-se da “liberdade” e do potencial humano institucionalizado em prol de fortalecimentos próprios é o norte deste trabalho, haja vista que essa temática fora tratada diferencialmente tanto por Nietzsche quanto por Goethe.

A citação e a análise dos trechos das obras certamente nos trazem subsídios possíveis para as justificativas e as reflexões acerca de possíveis heranças deixadas por Goethe a Nietzsche na contribuição do pensamento crítico-filosófico e literário desses autores, sobre o que trataremos na seção subsequente.

## **2 – Análise das obras: para uma relação intertextual entre Nietzsche e Goethe**

### ***2.1. Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister***

Nesta subseção, citamos quatro trechos referentes à obra *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, a fim de exemplificar e

analisar as diversas observações descritas anteriormente e na Introdução deste trabalho. Trata-se de críticas distintas a fatores diferenciados, como veremos mais adiante.

### ***2.1.1. Trecho I***

Werner era daquelas pessoas experientes, determinadas na vida, as quais costumamos chamar de frias, porque, apresentada a ocasião, não se inflamam rápida nem visivelmente; também sua convivência com Wilhelm era uma discordância contínua, que, no entanto, e por isso mesmo, contribuía para solidificar mais seu afeto, pois a despeito dos seus diferentes modos de pensar cada um auferia vantagens do outro. Werner se gabava de ter postos rédeas e freios ao excelente, embora por vezes exaltado, espírito de Wilhelm, e este experimentava com frequência um triunfo grandioso quando conseguia arrastar para dentro de sua efervescência o circunspecto amigo. E assim se exercitavam reciprocamente; estavam habituados a se ver todos os dias, e poder-se-ia mesmo dizer que a impossibilidade aumentava o desejo dos encontros e discussões mútuas. Mas, no fundo, os dois, que eram boas pessoas, caminhavam lado a lado, rumo a um único objetivo, e jamais puderam compreender por que afinal nenhum deles era capaz de reduzir o outro a seu próprio modo de pensar.<sup>5</sup>

Essa passagem diz respeito ao relacionamento entre duas personagens descritas no romance: os amigos Wilhelm e Werner. Podemos notar, nesse trecho, que Goethe se refere, claramente, à possibilidade de as estruturas humanas diferenciadas, não obstante a “discordância contínua”, conviverem harmonicamente, sem submeterem-se a qualquer forma de dominação e de prejuízo.

Além disso, o autor define as personalidades diferenciadas

(Werner era experiente, determinado e frio, enquanto Wilhelm era excelente, exaltado e circunspecto), bem como o modus operandi de cada personagem, como aspectos favorecedores de um ao outro: “a despeito dos seus diferentes modos de pensar cada um auferia vantagens do outro”. Nesse sentido, o respeito e a admiração mútuos são absolutamente possíveis e preservados, desde que não haja dominação por nenhum dos lados, tampouco ascensão de um modo de ser no mundo sobre outro (“nenhum deles era capaz de reduzir o outro a seu próprio modo de pensar”).

Nietzsche, sobre a obra *Assim falou Zaratustra*, diz:

Não haverá, enfim, bom conhecedor da literatura universal que não se dará conta no capítulo “Dos poetas”, das alusões a Goethe e da brincadeira que Zaratustra faz com os dois versos finais de Fausto “Das ewig- weibliche / Zief uns hinan” (“O eterno feminino/ leva-nos para o alto”).<sup>6</sup>

Nietzsche salientou, por diversas vezes, a importância literária de *Fausto*. Dessa forma, deu a entender que, pela pluralidade dos exemplos e das citações referentes a esse romance de Goethe, talvez essa fosse a obra preferida de Nietzsche. Isso aparece em seus próprios pensamentos e nos exemplos relativos à filosofia. Além disso, talvez essa tenha sido a obra mais lida e pesquisada por Nietzsche. No entanto, os aspectos pertencentes a algumas características que Nietzsche ressalta em *Fausto* estão claramente descritos

em diversas outras obras, como, por exemplo, *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, *O conto da serpente verde e da bela Lillie* e *Os sofrimentos do jovem Werther*.

Isso nos faz pensar que a questão está na forma como Goethe aborda, em seus romances, os conflitos que as personagens equacionam. A partir da violência sofrida, as personagens crescem e adquirem, em contrapartida, a delicadeza. O eterno feminino leva-nos ao alto, não a Deus, o que é recorrente nos romances de Goethe.

Assim como nos escritos de Nietzsche, percebe-se que Goethe também trabalha para que o seu nome sobressaia como importante literato. Para tanto, o autor constrói a relação de convívio, desejo e pertencimento das personagens na obra *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Essa relação pode, outrossim, ser transposta como Nietzsche pensara filosoficamente, ao mesmo tempo em que a força da filosofia e os sentimentos elevam os amigos.

Todavia, o que vale realmente ressaltar no trecho supramencionado se refere à ética possível nas relações humanas, sem que, para isso, seja necessária qualquer perda de identidade ou subordinação, além, obviamente, da preservação de uma ética individual. Os autores sustentam, ferrenhamente, o combate ao *establishment* e o favorecimento do homem preservado em toda sua humanidade, em detrimento das leis impostas pelas instituições.

Essas, por sinal, são questões abominadas por ambos os autores, os quais criticam as organizações que acabam regimentando

as relações que deveriam ser meramente humanas. O trecho II a seguir, extraído de *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, sequencia o pensamento explicitado anteriormente; porém, reforça o que existe de natural e verdadeiro nos homens.

A proximidade da filosofia e da literatura, nesse caso, difere-se, por exemplo, do que ocorre nos historiadores, para quem todos os fatos históricos são relevantes e importantes. O conceito de “grandeza” para Nietzsche é mutável, assim como o conceito de “gosto”. O filósofo escolhe e diz aquilo que é de grande importância para a formação de uma determinada consciência sobre as coisas. Sob esse prisma, o artista também trabalha para a vida; portanto, glorifica alguns aspectos e esquece outros.

### **2.1.2. Trecho II**

- Philine – disse Wilhelm –, já lhe sou muito grato por sua ajuda no contratempo que se nos abateu e não quero aumentar ainda mais a minha dívida junto à senhora. Inquieta-me vê-la tanto tempo a meu lado, pois não sei como recompensá-la por seus desvelos. Devolva-me as minhas coisas que ficaram a salvo em sua bagagem, junte-se ao resto da companhia, procure outro alojamento, aceite a minha gratidão e o relógio de ouro como uma pequena prova de meu reconhecimento e deixe-me, que sua presença me inquieta mais do que imagino. Ela se riu dele ao ouvir tais palavras.

– És um tolo – disse ela – e nunca serás sagaz. Sei melhor que tu o que te convém; ficarei e não arredarei pé daqui. Jamais contei com a gratidão dos homens, tampouco com a tua, pois. E se te quero bem, o que podes fazer? Continuou, pois, a seu lado e logo granjeou as simpatias do presbítero e de sua família, uma vez

que vivia de bom humor sabendo ofertar a todos alguma coisa e falar o que esperavam ouvir, sem deixar de fazer o que bem entendessem.<sup>7</sup>

Nesse trecho, Goethe valoriza as personagens, demasiadamente humanas, como se fosse uma característica constitutiva de valores daquilo que lhes é natural, isto é, o literato confere a Philine, personagem aparentemente secundária, uma alta carga de humanidade.

Além disso, durante o desenvolvimento do romance que analisamos nesta seção, Goethe desfaz a posição de que o homem virtuoso, como personagem coadjuvante, funcionaria como uma espécie de instituição capaz de proporcionar benfeitorias ao herói. Nesse caso, a virtude de Philine consiste, unicamente, no fato de ela possuir humanidade em amplo aspecto; por isso, a personagem sente-se constituída, o que lhe basta e lhe deixa orgulhosa de si. Essa virtude retira o véu da ingenuidade tola e faz dela uma pessoa lúcida e perspicaz, a ponto de enfatizar as sucessivas tolices do herói, originárias das crenças.

Wilhelm passa a vida esperando por virtudes e considerações quase sobrenaturais ou muito pesadas para os seres humanos suportarem em suas respectivas humanidades. Philine compreende essa atitude de Wilhelm como uma grande tolice e o critica por desejar algo destoante da natureza humana. Essa análise entrelaça-se a outras nas obras de Goethe, cujo valor filosófico Nietzsche reconhe-

ce, como podemos constatar nesta passagem:

Quão incompreensível haveria de parecer a um grego autêntico o em si compreensível homem culto moderno que é Fausto, o Fausto que se lança, insatisfeito, por meio de todas as faculdades, entregue, por sede de saber, à magia e ao diabo, e a quem basta, para uma comparação colocar junto a Sócrates, a fim de se reconhecer que o homem moderno começa a pressentir os limites daquele prazer Socrático de conhecimento e, do vasto, e deserto mar do saber, ele exige uma costa. Quando Goethe declara uma vez para Eckermann, a propósito de Napoleão: “Sim meu caro, também há uma produtividade das ações, lembra com isso, de maneira graciosamente ingênua, que o homem não teórico é, para o homem moderno, algo inacreditável e pasmoso, de modo que se requer de novo a sabedoria de um Goethe para se achar concebível, sim, perdoável, uma forma de existência tão estranhadora.<sup>8</sup>

Evidentemente, ainda que por vieses diversos, Nietzsche realça, na literatura de Goethe, a graciosidade e a ingenuidade no melhor emprego do termo. As questões provenientes dessas observações nietzschianas referem-se não somente à obra *Fausto*, mas também ao romance *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*.

Por meio de dispositivos estilísticos e literários, Goethe atribui a seus personagens o poder de desvencilhar-se de teorias alegóricas acerca do homem, para, em seguida, o retratar de forma natural. As imbricadas relações do homem com o mundo são manobras de Goethe percebidas por Nietzsche. Por conseguinte, a saída natural para o homem aparece de forma espontânea nos dois exemplos supramencionados. Observamos, outrossim, que essa é uma preocupação de ambos os autores, visto que, além de apreciar, de forma

sobretudo, o posicionamento de Goethe, Nietzsche coaduna com essa perspectiva apresentada nas duas obras de Goethe, as quais analisamos neste trabalho.

Convém destacar que *Humano, demasiado Humano* interessa muito a Nietzsche, visto que ele nunca perdeu esse ponto de vista em sua extensa filosofia. Além disso, tampouco consta que, em algum momento, Nietzsche tenha desabonado Goethe. Pelo contrário, encontram-se, com frequência, menções elogiosas sob a postura e a forma do pensamento do literato, havendo, inclusive, temáticas equivalentes.

Observamos também que, muitas vezes, os exemplos citados anteriormente resultam em retóricas parecidas, por meio das quais Goethe sustenta a hipótese das equações relativas à sede de saber de Fausto e de Wilhelm Meister (a magia e o diabo), por mais que, aos olhos do mundo, isso pareça demasiadamente complexo. Para o autor, bastava que a não incidência das diversas teorias recaísse sobre o que é humano.

### 2.1.3. *Trechos III e IV*

O velho Meister, logo depois da morte de seu pai, transformara em dinheiro uma valiosa coleção de quadros, desenhos, gravuras em cobre, antiguidades; ergueu de cima a baixo sua casa, mobiliou-a segundo o gosto mais moderno e tratou de valorizar o resto da fortuna de todas as formas possíveis (...). Tinha ele na verdade uma inclinação particular para o luxo, para aquilo que

salta aos olhos, mas que deveria ter ao mesmo tempo um valor e uma duração intrínsecos. Tudo em sua casa deveria ser sólido e maciço; as provisões abundantes; a baixela de prata pesada; o serviço de mesa valioso; mas, em contrapartida, eram raros os hóspedes, pois cada refeição se transformava numa festa que, tanto pelo custo quanto pelo incômodo, não podia repetir-se amiúde.

(...)

Wilhelm ficou atônito com tal discurso. Conhecia muito pouco o mundo para saber que justamente as pessoas mais levianas e mais incapazes de se emendar são as que costumam recriminar-se com mais intensidade, reconhecer seus erros é arrepende-se sinceramente deles, ainda que não tenha força alguma para desistir desse caminho, para o qual as impele uma natureza superior.<sup>9</sup>

No terceiro e no quarto trechos, Goethe põe à prova a lucidez dos valores burgueses. O questionamento é a substituição do precioso pela subsistência, e informa-se aos leitores a incapacidade de a sociedade burguesa reconhecer, diferenciar, arcar e legitimar, em última instância e de forma verdadeira, o que, de fato, é precioso no mundo.

A inoperância e a desqualificação cultural exemplificam a parca substituição dos legítimos tesouros, constituídos pela arte e pela sapiência, bem como pela mera e banal subsistência. Ao longo do romance, Goethe aponta os perigos e os riscos provenientes da desinformação intelectual e cultural em detrimento de um mundo concreto e palpável, onde as verdadeiras riquezas e preciosidades são substituídas por suprimentos e iguarias, bens de consumo tão apreciados pela burguesia.

Adicionalmente, partindo de uma negociação entre pessoas comuns, Goethe vislumbra uma espécie de caos social quando descreve a natureza dessa ordem, que fica estabelecida como verdadeira. Ou seja, se a arte é depauperada, e se se transformam os objetos artísticos em alimentos, a que recurso pode o homem recorrer quando se necessita da subjetividade artística para aplacar outras formas de necessidades humanas?

Em *A gaia ciência*, encontramos um cruzamento com esse pensamento de Goethe, no aforismo de número 52, sob o título “O que os outros sabem de nós”. Nas palavras de Nietzsche:

Aquilo que sabemos de nós mesmos é o que temos na memória de tão decisivo para a felicidade de nossa vida como se pensa. Um dia cai sobre nós aquilo que os outros sabem (ou acreditam saber) de nós e então reconhecemos que isso é mais forte. É mais fácil lidar com sua má consciência do que com sua má reputação.<sup>10</sup>

#### **2.1.4. Trecho V**

Goethe profere críticas pesadas à instituição burguesa de forma incisiva e direta, demonstrando ao leitor exemplos claros de como a estupidez dos valores burgueses começam arraigar-se na sociedade. Na obra *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, podemos mencionar, pelo menos, duas passagens em que essa situação acontece de forma direta.

A primeira, de que já tratamos na subseção anterior, relata

uma situação em que o herdeiro de uma rica coleção de artes visuais (desenhos, pinturas, gravuras e esculturas preciosas, entre outros) desfaz-se, ingenuamente, desses tesouros em busca de comodidade e conforto na vida. Troca-os por talheres pesados e por louças, de modo a garantir o sustento de provisões e de iguarias para a si próprio e para os familiares. A segunda passagem relata um episódio de uma peça teatral que seria apresentada nas dependências de um determinado castelo e que acaba sendo dissecada por uma personagem que trabalhava para os burgueses. Essa protagonista age como uma espécie de censura, desfigurando a pluralidade de representação da deusa Minerva, optando por uma personagem patética e reduzida, deformando-a em suas possibilidades plurais de ressignificar-se. Observemos o trecho adiante:

figurava-lhe todas as Minervas que porventura poderia haver em títulos de gravuras em cobre, vinhetas ou qualquer outro lugar. Dai por que mandaram vir da biblioteca livro atrás de livro, de sorte que, ao final, o conde estava sentado sobre uma pilha de livros. Como não lhe ocorresse mais nenhuma outra Minerva, pôs-se finalmente a rir e exclamou:

- Aposto como agora não ha mais nem uma só Minerva em toda a biblioteca, e talvez seja esta a primeira vez que uma coleção de livros tenha de passar sem a imagem de sua deusa tutelar. Todos acharam divertida aquela ideia, sobretudo Jarno que, havendo insistido com o conde para que trouxessem mais e mais livros, ria de um modo inteiramente descomedido.

- Agora - disse o Conde, dirigindo-se a Wilhelm -, a questão principal é saber a que deusa o senhor se refere. Minerva ou Palas? A deusa da guerra ou a deusa das artes?

- Não seria preferível, Excelência - respondeu Wilhelm -, deixarmos totalmente de lado esse aspecto, e já que na mitologia ela representa dois papéis, por que não a apresentarmos aqui

também com esses duplos atributos? Ela anuncia um guerreiro, mas somente para tranquilizar o povo, e se elogia um herói, enaltece sua humanidade, ela triunfa sobre a violência e restabelece a paz e a alegria entre o povo. A baronesa, temendo que Wilhelm pudesse trair-se, apressou-se em atrair para a conversa o costureiro pessoal da condessa, para que emitisse sua opinião quanto a melhor maneira de se dar acabamento a uma túnica tão antiga quanto aquela. Esse homem, especialista em mascaras e disfarces, não teve dificuldade em resolver a questão, e como madame Melina, apesar de seu adiantado estado de gravidez, havia assumido o papel da divina virgem, encarregaram-no de tirar-lhe as medidas, enquanto a condessa, embora com alguma reprovação de suas camareiras, determinava quais os trajes de seu guarda-roupa que haveriam de ser usados para aquele fim.<sup>11</sup>

Assim como na redução mercadológica acerca dos objetos das artes visuais supracitada, Goethe mostra que a desinformação burguesa preserva apenas os aspectos superficiais das artes (visibilidade e dramaturgia) por absoluto desconhecimento resultante em constantes atitudes incoerentes e ignorantes. Nesse sentido, o *nonsense* é preservado com a única finalidade de diversão.

Imperioso destacar, outrossim, que essas ações são escolhas, não obstante serem malfeitas, diante de toda a possibilidade de rebelar-se contra as instituições e os valores burgueses. Sobre o mesmo assunto, disserta Nietzsche em dois diferentes aforismos:

Minha filosofia está voltada para a hierarquia: não para uma moral individualista. O espírito de rebanho deve dominar no rebanho – mas não ir além dele: os condutores do rebanho precisam de uma avaliação completamente diversa das suas próprias ações, assim como os independentes, ou os “animais de rapina” etc.<sup>12</sup>

O vosso amor ao próximo é o vosso mau amor por vós mesmos (...). Não vos suportais a vós mesmos e não vos amais bastante: então, quereis induzir o próximo a amar-vos, para vos dourardes com seu erro (...). Quando quereis falar bem de vós, convidais uma testemunha; e quando a aliciastes a pensar bem de vós.<sup>13</sup>

## ***2.2 – O conto da serpente verde e da linda Lilie***

Além dos aspectos diretos textuais contidos nas obras de Goethe, nesse conto, o autor também se utiliza, com frequência, de metáforas alusivas e pejorativas à condição burguesa. Goethe descreve uma linda serpente verde que se alimentava de moedas de ouro e guiava as pessoas para os caminhos que ela mesma desejava conduzir-se. Neste conto, Goethe adverte ao leitor que é melhor deixar a serpente bem alimentada e não a contrariar:

(...) logo depois de engoli-las, ela sentiu prazerosamente o ouro fundir-se nas vísceras e difundir-se pelo corpo inteiro e, com grande alegria, percebeu que se tinha tornado transparente e luzente. Há tempos haviam garantido para ela que esse fenômeno era possível; mas já que receava que essa luz não fosse durar muito, a curiosidade e o desejo de garantir o futuro a instigaram para sair das rochas para buscar quem tivesse semeado aquele lindo ouro. Não encontrou ninguém. Ainda mais apazível pareceu-lhe admirar-se enquanto se arrastava pelas moitas de capins, e extasiar-se com a bela luz que irradiava de si dentro do verde.<sup>14</sup>

Mas adiante, Goethe prossegue:

Enquanto isso, o fogo na lareira se apagava; o velho cobriu as

brasas com muitas cinzas, guardou as moedas de ouro brilhantes, e sua lamparina acendeu de novo sozinha, com o mais belo brilho, as paredes se cobriram de ouro e o cachorrinho transformou-se no ônix mais lindo que se pode imaginar. A alternância de marrom e de preto da pedra preciosa o transformara numa obra de arte rara.

“Toma tua cesta”, disse o velho, “e põe nela o ônix; depois pega as três couves, as três alcachofras e as três cebolas, coloca-as na cesta e leva-as até o rio. Ao meio dia pede a serpente para atravessar-te ao outro lado, vai visitar a linda Lilie e leva para ela o ônix; tocando-o, ela lhe devolverá a vida, do mesmo modo como mata com seu contato todos os seres vivos; ela terá nele um companheiro fiel. Diz-lhe para não ficar triste, pois sua libertação está próxima e que ela pode considerar a maior desgraça como a maior sorte, pois agora é o momento”.<sup>16</sup>

A metáfora da cobra que se alimentava de ouro para reluzir traduz, novamente, as críticas à condição burguesa, as quais Goethe retoma e torna evidente. O ouro é saboreado pela serpente como uma iguaria de extrema necessidade, visto que, por meio desse alimento, a serpente reluzia. Em seguida, na personagem do velho com as lamparinas que acendiam sozinhas e iluminavam com o mais belo brilho, percebemos o milagre do cachorrinho que se transformara em ônix.

Nesse caso, além das formas elogiosas com que Nietzsche se refere a Goethe e do fato de tomar como referência o romance *Fausto* principalmente, o filósofo utiliza-se, na obra filosófica *Assim falou Zaratustra*, a imagem de dois animais distintos: a cobra assim como Goethe no conto que analisamos nesta seção e a águia. Esses animais acompanham a personagem Zaratustra em partes de seus

trajetos. A serpente era preguiçosa e venenosa e permanecia agarrada a terra, sempre se rastejando. Devido a esses fatores, Nietzsche a descreve, às vezes, como um animal de pouco valor. Percebemos aqui, um possível pensamento similar acerca da representação que a serpente tem tanto para Goethe quanto para Nietzsche. Podemos essa similaridade nesta passagem:

E, em verdade, o que eu vi, coisa igual nunca vi. Um jovem pastor eu vi, retorcendo-se, engasgando, convulsionado, o rosto distorcido, com uma negra, pesada serpente pendendo-lhe da boca. Vi alguma vez tanto nojo e pálido horror em um rosto? Ele teria dormido? E então rastejou a serpente para dentro de sua garganta – e então se aferrou ali.

Minha mão puxou a serpente e puxou – em vão! Não arrancou a serpente da garganta. Então algo em mim gritou: “Morde! Morde! A cabeça fora! Morde!” – assim algo em mim gritou, meu horror, meu ódio, meu nojo, minha piedade, todo meu bom e ruim gritou em mim em um grito.

– Ó audazes que estais em torno de mim! Vós que buscais, que tentais, e quem dentre vós com ardilosas velas navegou por mares inexplorados! Ó amantes de enigmas!

Decifrai-me pois o enigma, que eu vi aquela vez, interpretai-me pois a visão do mais solitário dos solitários!

Pois uma visão era, e uma previsão – o que vi eu aquela vez em alegoria? E quem é aquele que um dia há de vir?

Quem é o pastor, a quem a serpente rastejou assim para dentro da garganta? Quem é o homem, a quem todo o pesadíssimo, negríssimo, rastejará assim para dentro da garganta?

– O pastor, porém, mordeu, como lhe aconselhava meu grito; mordeu uma boa mordida! Bem longe cuspiu a serpente; e levantou-se de um salto. – Não mais pastor, não mais homem – um transfigurado, um iluminado, que ria! Nunca ainda sobre a terra riu um homem, como ele ria!

Ó meus irmãos, eu ouvi um riso, que não era riso de nenhum homem – e agora uma sede me devora, uma aspiração, que nunca mais silenciará.

Minha aspiração por aquele riso me devora: oh, como suporto ainda viver! É como suportaria, agora, morrer! – Assim falou Zaratustra.<sup>16</sup>

Além dessas questões, podemos encontrar subsídios e referências para Goethe no Cinismo, especificamente em Diógenes. Todavia, para esse mesmo conto, escrito no final do século XIX, encontramos, em *A gaia ciência*, no aforismo de número 125, a personagem de um homem louco que dizia:

Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!”? e como lá se encontram muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. Então ele está perdido? Perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? Disse outro. Ele está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrou? – Gritavam e riam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com o seu olhar. “Para onde foi Deus?”, gritou ele, “Já lhes direi! Nós o mataremos – vocês e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós, ao desatar a terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para traz, para os lados, para frente, em todas as direções?”<sup>17</sup>

Nessa passagem, é possível que Nietzsche traga, para um só plano, o mundo que Platão defendeu como sendo dois: o mundo das ideias e o mundo das aparências. A ação de passar uma esponja na linha do horizonte certamente pode ser entendida como o apaga-

mento da divisão desses dois mundos. Com isso, Nietzsche ressalta o esvaimento dos lugares predefinidos, defendidos, por exemplo, por Platão. O contraventor do pensamento nietzschiano desloca-se para um conceito contrário do objeto inatingível.

Para Nietzsche, entretanto, o homem pode transitar entre o nada e perder-se nele, embora a preservação da vontade de poder ou de potência seja o desejo da vida. O homem, ainda assim, na imensidão do desconhecido, com o sol desatado e o mar esvaindo-se, afirma a vontade de opor-se ao niilismo de forma passiva, por meio do desejo?

Nesse sentido, a escolha preservada diferencia o homem dos porcos. Os porcos comem tudo o que lhe é ofertado; ao passo que as aves ciscam, separam, escolhem o que comerão e, portanto, deixam de lado o que não serve. Portanto, para Nietzsche, os porcos são os seres vivos que, diferentemente das aves, são incapazes de realizar escolhas. O voraz apetite do porco faz com que esse animal se alimente de tudo aquilo que lhe apareça pela frente. Com o perdão do trocadilho, o porco vive a troco de todas as formas de porcarias que lhe são ofertadas. Podemos inversamente entender que, para Goethe, a burguesia se assemelharia à descrição do que Nietzsche posteriormente denominou de homens malformados, decadentes e porcos.

Ainda que a miserável condição humana insira, na imensi-

dão, um ser à mercê da sorte, a possibilidade de escolha o distinguirá sempre e produzirá satisfação. Sendo assim, o homem prosseguirá escolhendo, ainda que, por muitas vezes, decida e deseje o nada. No entanto, para Nietzsche e para a concretude da realidade mundana, querer o nada é ainda melhor do que nada querer.

O caos estabelecido para a ausência de conceitos produz, segundo o filósofo, o preenchimento com o niilismo, o desespero, o vazio. A pergunta “Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte?” possui um sentido tácito de que a imensidão e a magnitude da vida requerem a criação de “conceitos”, de quaisquer naturezas. No entanto, a crença existe com o intuito de aplacar o que nos é apavorador, substituindo a ausência.

É possível que Nietzsche tenha escrito o aforismo de número 125 considerando o Cinismo (século III a.C.) de Diógenes, especificamente a referência ao encontro com Alexandre, o Grande, em que ele oferecera o que Diógenes desejava, o qual pediu tão somente que Alexandre saísse da frente do sol.

Todavia, embora fosse hábito de Diógenes andar à luz do dia com uma lanterna acesa, dizendo procurar um homem de bem, é provável que Nietzsche também tenha acrescentado elementos no aforismo de número 125 a partir da obra de Goethe, assim como também é importante pensar que ambos sejam releituras adensadas por seus sucessores e que Goethe e Nietzsche tenham como precur-

sores os cínicos, especialmente Diógenes, na construção fictícia da imagem de Deus.

Essas questões merecem nossa apreciação; porém, Nietzsche aludia à presença de Goethe na bibliografia de todas as suas obras, inclusive em *A gaia ciência*, não havendo, aparentemente, qualquer citação direta ao cinismo, tampouco a Diógenes. Excluir a respectiva fonte e, por conseguinte, os créditos da citação dos autores aos quais recorria é bastante incomum.

### **3 – Considerações finais**

O cotejo entre alguns aspectos da filosofia de Nietzsche e a literatura de Goethe viabilizou-se como objeto de estudo nesta pesquisa na medida em que, no romance de formação de Goethe, nos deparamos com personagens glorificados pelo excesso de humanidade, além de Goethe atacar, ora diretamente, ora sutilmente, os valores da burguesia.

A estilística desenvolvida por ambos é realizada por meio de composições recheadas de histórias permeadas de luz e de sombras. Esse fato, além de remeter novas pesquisas acerca de outras possíveis aproximações, instiga a leitura das obras filosóficas e literárias, incitando-nos a aprofundar no mundo das personagens descritas. Como exemplo, podemos citar passagens de Zaratustra, para Nietzsche, e de Wilhelm Meister, o herói desiludido, para Goethe.

Dessa forma, a evidência mais contundente dessa aproximação temática e dessa intertextualidade é o fato de Nietzsche surgir posteriormente a Goethe, como um desconstrutor radical de instituições burguesas, religiosas e filosóficas de todas as naturezas. Instituições essas que propusessem compreender o homem como escravo, senhor de culpas e de morais institucionalizadas, e torná-lo instrumento subserviente e servil, condenado a uma existência dissociada de sua liberdade. Dessa forma, não se concediam ao homem os encontros possíveis consigo próprio, de modo a livrá-lo dessa inútil condição de eterno entediado. O niilismo passivo e a tentativa de esse desgraçado homem lançar-se às profundezas de sua natureza, em busca de não tornar-se escravizado, são preocupações de ambos os autores. Nesse aspecto, Goethe é um ativista fortemente salientado por Nietzsche.

Tendo isso em vista, bem como os cruzamentos apontados, vale salientar que outros aspectos concernentes à aproximação entre Nietzsche e Goethe poderão, sob um olhar mais atento e aprofundado, favorecer o levantamento de questões diversas e não previstas no escopo deste trabalho.

Portanto, as questões que couberam nesta pesquisa assinalam que esses estudos devem prosseguir, no intuito de que novas possibilidades de pensar a filosofia e a literatura sejam compreendidas como paralelas, seja para melhor averiguação, seja para a constatação dos materiais compreendidos como “fatos”.

---

## Notas

\* Aluno do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu, doutorado em Filosofia, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: <jboscoemillan@hotmail.com>.

1 NIETZSCHE, Friedrich (2005), Sabedoria para depois de amanhã. Tradução de Karina Jannini. SP, Martins Fontes.

2 GOETHE, Johann Wolfgang Von (2004), Fausto. Tradução de Agostinho D'Ornellas. SP, Editora Martin Claret.

3 Id. Ibidem.

4 NIETZSCHE, Friedrich (2005), Sabedoria para depois de amanhã. Tradução de Karina Jannini. SP, Martins Fontes.

5 GOETHE, Johann Wolfgang Von (2006), Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister. SP, Editora 34.

6 NIETZSCHE, Friedrich (2010), Assim falou Zaratustra. 18a ed. RJ, Civilização Brasileira.

7 GOETHE, Johann Wolfgang Von (2006), Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister. SP, Editora 34.

8 NIETZSCHE, Friedrich (1992), O nascimento da tragédia; ou helenismo e pessimismo. Tradução de J. Guinsburg. SP, Companhia das Letras.

9 GOETHE, Johann Wolfgang Von (2006), Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister. SP, Editora 34.

10 NIETZSCHE, Friedrich (2002), A gaia ciência. Tradução de Paulo César de Souza. SP, Companhia das Letras.

11 Id. Ibidem.

12 Id. Ibidem.

13 NIETZSCHE, Friedrich (2002), Além do Bem e do Mal. Tradução de Paulo César de Souza. SP, Companhia das Letras.

14 GOETHE, Johann Wolfgang Von (2003), O conto da serpente verde e da linda Lilie. SP, Landy.

15 Id. Ibidem.

16 NIETZSCHE, Friedrich (2010), Assim falou Zaratustra. 18a ed. RJ, Civilização Brasileira.

17 NIETZSCHE, Friedrich (2002), A gaia ciência. Tradução de Paulo César de Souza. SP, Companhia das Letras.

---

## Referências Bibliográficas

- GOETHE, J. W. Fausto. Tradução de Agostinho D'Ornellas. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.
- \_\_\_\_\_. O conto da serpente verde e da linda Lillie. São Paulo: Landy, 2003.
- \_\_\_\_\_. Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister. São Paulo: Editora 34, 2006.
- LUKACS, G. A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas cidades, Editora 34, Coleção Espírito Crítico, 2000.
- NIETZSCHE, F. A gaia ciência. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. Ecce homo: como alguém se torna o que é. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. Sabedoria para depois de amanhã. Tradução de Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. Humano demasiado humano. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- \_\_\_\_\_. Crepúsculo dos ídolos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. O nascimento da tragédia; ou helenismo e pessimismo. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.